

LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TÉCNICAS LABORATORIAIS  
EM SAÚDE

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Rakel Vieira de Souza

MITO E RELIGIÃO NA GRÉCIA ANTIGA: UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA

Rio de Janeiro

2017

Rakel Vieira de Souza

## MITO E RELIGIÃO NA GRÉCIA ANTIGA: UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a aprovação no curso técnico de nível médio com habilitação em Análises Clínicas.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Mariano Vilaça

Rio de Janeiro

2017

Rakel Vieira de Souza

MITO E RELIGIÃO NA GRÉCIA ANTIGA: UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a aprovação no curso técnico de nível médio com habilitação em Análises Clínicas.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

(Professor Doutor Murilo Vilaça Mariano- EPSJV/FIOCRUZ)

---

(Professor Doutor Alfredo Cesar Tavares de Oliveira– EPSJV/FIOCRUZ)

---

(Professor Mestre Flávio Henrique Marcolino da Paixão– EPSJV/FIOCRUZ)

*Dedico este trabalho  
à minha família, principalmente aos meus pais Severino e Noemir  
e à minha amiga Daniela que esteve comigo em toda a caminhada.*

## **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo investigar as relações entre a mitologia e as práticas religiosas experimentadas pelos gregos no período da Grécia Antiga. Atualmente, o termo mito corresponde a algo irreal e falso, porém nem sempre foi assim. Na Grécia Antiga, o mito era considerado uma narração de verdades transmitidas por poemas orais que continham ensinamentos, como história e conhecimento sobre os deuses. Daí, pressupõe-se a importância dada à mitologia grega por sua sociedade. Para compreendê-la melhor, é necessário analisar como a mitologia grega e a respectiva religião politeísta constituíram a base da estrutura social grega, influenciando as tomadas de decisões de seu povo e sua autocompreensão. Estes elementos, que demonstram a importância dos mitos para a formação do mundo grego antigo, serão objeto de análise neste trabalho.

Palavras-chave: mitologia, religião, Grécia antiga.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
1.1 OBJETIVOS .....	9
1.1.1 Objetivo Geral.....	9
1.1.2 Objetivos Específicos .....	9
1.2 METODOLOGIA .....	9
<b>2 DIVERGÊNCIAS ATUAIS ACERCA DA DEFINIÇÃO DE MITO</b> .....	<b>10</b>
<b>3 MITO: DAS ORIGENS AO PERÍODO CLÁSSICO</b> .....	<b>15</b>
<b>4 MITO E RELIGIÃO NO COTIDIANO GREGO</b> .....	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>36</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, em nossa sociedade brasileira, observamos diversas influências religiosas nos valores morais e nas tomadas de decisões da vida cotidiana. O que se deve ou não fazer, comer, usar, vestir, assistir, dentre outros costumes, são todas ações que o crente decide levando em consideração, além dos aspectos culturais e sociais do território, as características e doutrinas da sua religião. Essas escolhas impactam na sociedade como um todo, se tornando parte da identidade cultural do povo, influenciando grande parte da população não crente. A partir dessa observação, podemos estudar uma sociedade que é sempre lembrada quando se pensa sobre a relação entre religião e sociedade: a Grécia Antiga.

Quando considerada a visão das sociedades ocidentais, o significado mais corriqueiro da palavra mito está vinculado à ideia de algo irreal, que transmite noções falsas e distorcidas que podem ou não corresponder à realidade. Isso pode ser mostrado pela definição encontrada em dicionários. O Dicionário Aurélio define mito como “5. Ideia falsa, sem correspondente na realidade (...) 8. Coisa inacreditável, fantasiosa, irreal; utopia”<sup>1</sup>; o Aulete segue este mesmo caminho ao definir mito como “1. Narrativa fantasiosa, simbólica, ger. com elementos sobrenaturais, transmitida pela tradição de um povo, e que retrata sua visão de mundo e de aspectos da natureza humana e a forma como explica fenômenos naturais;”<sup>2</sup>.

Apesar disso, de modo geral, mitos e mitologias ainda exercem fascínio sobre as pessoas. Além da multiplicidade de significados e do seu caráter fantástico, eles servem, por vezes, como base metafórica para descrição e análise de comportamentos, como por exemplo, pelo campo da psicologia (Complexo de Édipo é um famoso exemplo). Os mitos também fornecem elementos para algumas expressões idiomáticas que constituem culturas que estão temporal e geograficamente bastante distantes. No Brasil, por exemplo, algumas expressões cotidianamente utilizadas provêm dos mitos gregos: trabalho hercúleo, bicho de sete cabeças, calcanhar de Aquiles, Pomo da discórdia, presente de grego, agradar a gregos e troianos, bancar o cupido, voto de Minerva, caixa de Pandora, entre outros.

Porém os gregos da época antiga não viam os mitos como uma simples metáfora, mas sim como verdades essenciais. Muito além de contos fantasiosos, os poemas míticos eram base para entender a sociedade, sua história, a natureza que os cercavam e os deuses que

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 1405.

<sup>2</sup> GIEGER, Paulo. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa/Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. p. 932.

acreditavam<sup>3</sup>. Antes mesmo de a escrita ser utilizada, os mitos já eram recitados na Grécia, conservando a memória e a tradição da sociedade<sup>4</sup>.

Quando tratados simplesmente como textos poéticos, os mitos demonstravam os mistérios do mundo no ponto de vista grego antigo, mas quando tomados ao pé da letra tratava-se de uma fé religiosa. A religião Grega antiga dependia dos mitos para disseminar o conhecimento sobre os deuses, mas, além disso, os mitos eram um grande acúmulo de pensamento, que tomou vida própria estando no limiar entre a razão e a fé<sup>5</sup>.

Por ser uma abordagem introdutória, o primeiro capítulo apresenta o debate no campo dos estudiosos que tratam da mitologia e da história, na tentativa de definir e entender o que é mito, além de caracteriza-lo, apresentando suas múltiplas funções na sociedade.

No segundo capítulo, são levantadas informações sobre a história da Grécia na Antiguidade e as possíveis influências da religião mitológica na formação da sociedade, em razão de ser necessário conhecer o berço da mitologia grega para entender as motivações cotidianas do povo grego.

Por fim, o ultimo capítulo discute as influencias da religião mitológica no cotidiano do grego antigo, tanto na vida privada quanto pública.

Estudar este tema possui relevância na medida em que a sociedade ocidental foi grandemente influenciada pela sociedade grega da Antiguidade. Compreender esta sociedade é pensar nas origens, na cultura e na religião ocidentais.

Então, qual a função do mito? No que a mitologia e a religião contribuíram na formação da sociedade grega antiga? Quais eram as influências divinas no cotidiano dos gregos antigos?

---

<sup>3</sup> ACKER, Teresa Van. *Grécia a vida cotidiana na cidade-Estado*. São Paulo: Atual Ed., 2003.

<sup>4</sup> BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.

<sup>5</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Compreender as relações entre a religião mitológica e as práticas sociais e culturais experimentadas pelos gregos na Antiguidade;

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Contextualizar a relevância do mito através de um apanhado histórico da construção da sociedade grega antiga;
- Identificar o papel sociocultural da mitologia na Grécia Antiga;
- Apontar a relação entre a mito e religião na constituição da sociedade grega antiga.

## 1.2 METODOLOGIA

Essa investigação será realizada por meio da revisão crítica da bibliografia fazendo um resumo e sintetizando as informações disponíveis na literatura especializada em língua portuguesa <sup>6</sup>. A revisão bibliográfica possibilitará o mapeamento das principais problemáticas e hipóteses sobre o tema.

---

<sup>6</sup> MARCINI, Marisa Cotta; SAMPAIO, Rosana Ferreira. *Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão*. Rev. Bras. Fisioter. Vol. 10. No. 4 São Carlos Oct./Dec. 2006.

## 2. DIVERGÊNCIAS ATUAIS ACERCA DA DEFINIÇÃO DE MITO

Na busca de melhor compreensão sobre a mitologia e religião grega antiga, a definição de mito é importante inicialmente. Este capítulo pretende definir o que é mito, suas características e seu papel da sociedade grega. Será que há apenas uma função para o mito? Há apenas uma definição de mito? Este capítulo busca responder estas perguntas.

Quando se trata dos mitos de uma sociedade antiga, adentra-se em um debate complexo entre os estudiosos da área. Nos dias de hoje o mito é visto como algo falso e fantasioso, mesmo assim é fonte de estudos constantes. Os mitos, em conjunto, constituem também uma disciplina que busca compreender seus significados<sup>7</sup>. Kalina e Maciel Silva afirmam que a mitologia é um conjunto de mitos de determinada cultura<sup>8</sup>. Esta mesma ideia é seguida por Burguiere, que, a respeito dos gregos, afirma: “a mitologia é uma pura construção da história, a nossa e a dos gregos”<sup>9</sup>. Já Pierre Grimal define mitologia grega como um conjunto de relatos maravilhosos e de lendas de todo tipo<sup>10</sup>. Contudo, no campo das ciências humanas há muitas controvérsias a respeito da definição do que seja mito, o que gerou diversos esboços na tentativa de interpretá-lo. Para compreender o significado do mito e da mitologia para os gregos antigos é fundamental conhecer esse debate.

Alguns historiadores concordam com a definição atual, afirmando que o mito é uma mentira, como o estudioso de cultura clássica P. Commelin<sup>11</sup>. Ou seja, para alguns historiadores, o mito é uma deformação de fatos históricos<sup>12</sup>. No século III a.C. o filósofo Evêmero de Messena deduziu que os deuses seriam reis antigos com as histórias deformadas pela transmissão oral no decorrer dos anos, sendo convertido assim na matéria dos mitos<sup>13</sup>. Page, estudioso de mitologia viking, afirma que os mitos são fábulas, narrativas puramente fictícias<sup>14</sup>.

O antropólogo Everardo Rocha afirma que não é possível definir o mito, pois ele estaria ligado a interpretações, e não a certezas<sup>15</sup>. Os naturalistas, por sua vez, consideram os mitos

---

<sup>7</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 297.

<sup>8</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*

<sup>9</sup> BURGUIERE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. P. 555.

<sup>10</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>11</sup> COMMELIN, P. *citado por* SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 293

<sup>12</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 294.

<sup>13</sup> ROBERT, Fernand. *Op. Cit.* p. 3.

<sup>14</sup> PAGE, R. I. *Mitos nórdicos*. São Paulo: Contexto: 2001. *citado por* SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*

<sup>15</sup> ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: 1996. p. 39-40.

como expressões da natureza, conforme a escola de comentadores de Homero, poeta que, no século VI a.C., interpretava a deusa Hera como personificação do ar<sup>16</sup>. Os que o interpretam, no campo da psicanálise, utilizam o mito como base de estudo da mente humana. Dois dos grandes pensadores da psicanálise, Freud e Jung, utilizam os mitos como expressões do inconsciente. Para Freud, o mito representa uma influência do inconsciente na formação do consciente individual e expressão das fases da vida que cada indivíduo vivencia. Já para Jung os mitos são provas de um inconsciente coletivo – região da mente onde estão guardadas todas as experiências compartilhadas pela humanidade –, visto que muitos mitos e símbolos são similares em diversas culturas sem ligação<sup>17</sup>.

Mircea Eliade conclui que a narrativa mítica é absoluta e eterna, não se referenciando a um momento histórico, e sim, supondo um tempo reversível que caracteriza o tempo sagrado<sup>18</sup>. Münch afirma que a narrativa mítica é vivida socialmente com uma função sócio-religiosa sagrada, analisando o homem em sua totalidade<sup>19</sup>. Já para Max Bilen, a narrativa mítica não é uma ficção, mas exige a crença na verdade do que é contado por ela. O crente espera que o mito lhe ofereça uma explicação do mundo, do modo de vida e também, que torne reais suas esperanças da experiência do infinito tendo assim uma liberdade absoluta, uma atemporalidade, uma universalidade e uma unidade<sup>20</sup>.

Sendo assim, a definição de mito se torna um campo de disputa, no qual há importante divergência entre os autores. Dentre tantas interpretações, algumas definições, porém, podem ajudar na compreensão do que era um mito para os gregos antigos, como é o caso dos dois antropólogos abordados abaixo.

A definição da função (ou funções) do mito para o antropólogo polonês Malinowski gira em torno de sua finalidade, ou seja, todo mito tem uma função na sociedade, por exemplo, transmitir valores morais.<sup>21</sup> Para o francês Levi-Strauss, outro antropólogo, há uma estreita relação entre mito e linguagem. Logo, o mito não pode ser lido como um texto comum, pois, muitas vezes, os acontecimentos em série aos quais está vinculado o significado se afasta de seu

---

<sup>16</sup> ROBERT, Fernand. *A religião grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 2.

<sup>17</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 294.

<sup>18</sup> ELIADE, Mircea. *Prestiges du mythe cosmogonique*. Revue Diogène, nº 8, 1971. citado por BILEN, Max. *Dicionário de mitos literários, organização Pierre Brunel-4ª ed.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 186.

<sup>19</sup> MÜNCH, M. M. citado por BILEN, Max. *Op. Cit.* p. 186.

<sup>20</sup> BILEN, Max. *Dicionário de mitos literários, organização Pierre Brunel-4ª ed.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 186.

<sup>21</sup> MALINOWSKI, Bronislaw. citado por SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.* p. 295.

enredo. Para seu entendimento, é preciso compreender a sociedade que o gerou, assim como os outros mitos que a constituem<sup>22</sup>.

Na sociedade grega antiga, segundo Veyne, o mito teve uma função social e vital, que em nossa sociedade atual não é mais válida, por acreditarmos em outras verdades: “Verdade é nome que damos às nossas opções, das quais não abrimos mão; se abrissemos mão delas, nós as declararíamos decididamente falsas, tamanho o nosso respeito pela verdade”<sup>23</sup>. Então, cada sociedade se apoia em suas escolhas. A cultura tem uma utilidade, pois, o que se chama sociedade não é mais que um conjunto pouco estruturado das culturas, portanto, as culturas podem delinear as sociedades<sup>24</sup>. Logo, a cultura grega delineou com suas verdades um perfil social grego, que dependia intimamente da sua mitologia.

Na Grécia Antiga, mito significava uma narração de verdades essenciais para compreensão do valor dos deuses gregos, da natureza, do universo, do ser humano e da sociedade<sup>25</sup>. Segundo Pierre Grimal, o mito na Grécia tem muitas características, ora colore-se de história nas quais os relatos míticos perdem quase todo o caráter maravilhoso e serve como título de nobreza para cidades e famílias, ora desenvolve-se em epopeia que contém relatos das ações de deuses e heróis, ora serve para apoiar ou explicar as crenças e os ritos da religião<sup>26</sup>.

Mais uma característica do mito é não ter fronteiras. Para um grego antigo o mito era encontrado em vários campos sociais, sendo tão essencial a seu pensamento quanto o ar ou o sol à própria vida. A epopeia grega *Ilíada*, por exemplo, contém heróis com ancestrais divinos e, ao mesmo tempo, ancestrais de famílias nobres históricas. Nela, Helena que é filha de Zeus, deus dos céus, foi o objeto da guerra de Tróia; e aconteceu por vontade de Afrodite, deusa do amor, que ela foi levada a deixar seu marido e sua filha quando o troiano Páris veio busca-la em Esparta<sup>27</sup>.

Outra característica do mito é sua oralidade. Segundo Thomas Bulfinch, antes de a escrita ser utilizada de modo corrente como hoje, a poesia oral era principal forma pela qual o povo grego conservava sua história, seus valores e sua identidade.<sup>28</sup> Havia um grande acervo que funcionava como uma espécie de enciclopédia, formado com estas poesias, transmitidas pelos séculos, que continham em suas estrofes informações e fatos imprescindíveis para o povo,

<sup>22</sup> LEVÍ-STRAUSS, Claude. *citado por* SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Cit.* p. 295.

<sup>23</sup> VEYNE, P. *Os gregos acreditavam em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte*. São Paulo. ED. Unsp, 2014. p. 195.

<sup>24</sup> VEYNE, P. *Op. Cit.*

<sup>25</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.*

<sup>26</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>27</sup> GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*

<sup>28</sup> BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.

como história, geografia, conhecimento sobre deuses, agricultura, estratégias de guerra e padrões de conduta. Claude Calame afirma que a poesia foi o único suporte textual e claro durante séculos para os gregos, e foram importantes na formação da imagem literária e estética da cultura grega como um todo<sup>29</sup>. Esta poesia era elaborada e expressa na linguagem de mito, na qual deuses e heróis eram personagens principais e cuja função era educar o povo.

Vernant, afirmava que o mito só sobrevive com a existência de três condições: memória, oralidade e tradição. O relato mítico não é invenção individual nem uma fantasia, mas sim, uma transmissão de memórias. Este laço da transmissão aproxima o mito da poesia, e estes, só sobrevivem se forem recitados, o que lhes dá vida. Este relato mítico não está definitivamente fixado, tendo assim, muitos significados e interpretações. O narrador tem a sua disposição várias versões e possibilidades de escolha em função do público, das circunstâncias e de suas preferências, podendo reduzir, modificar ou acrescentar, como melhor lhe parecer conveniente. Enquanto uma tradição oral permanecer em contato com uma sociedade no modo de pensar e em seus costumes, o relato se modificará de acordo com o necessário<sup>30</sup>. Jacques Roubaud – que formulou observações que se aplicam a diversas mitologias – ao analisar os poemas homéricos e seus mitos, retificou: “Eles não são apenas relatos. Contêm o seu tesouro de pensamentos, formas linguísticas, imaginações cosmológicas, preceitos morais etc. que constituem a herança comum dos gregos na época pré-clássica”<sup>31</sup>.

Além destas características apresentadas anteriormente, a narrativa mítica não tem nenhuma ambição científica. Luiz Mantovaneli aponta para uma das diferenças: a ciência se fundamenta na separação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, mas fazer isso não faz sentido para o pensamento mítico<sup>32</sup>. Luc Férry explica: “o pensamento mítico não considera o universo um objeto a se conhecer, mas uma realidade a se viver”<sup>33</sup>. Uma vez imerso nesta realidade, o modo de pensamento mítico continua eternamente válido.

Já que atualmente a palavra mito é associada a algo irreal e a mitologia é um conjunto destes mitos, a mitologia também é vista como uma mentira. Já a religião é vista como uma crença onde indivíduos que creem levam seus dogmas como verdades absolutas e religiões dos outros como o errado e falso. Esta visão do outro, é espelhada para os que não creem, analisando as religiões como mentiras ou tolices. Sendo assim, aqueles que não acreditam nos

<sup>29</sup> CALAME, Claude. *Eros na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2013. P. XX.

<sup>30</sup> VERNANT, J. P. *O universo, os deuses os homens*. São Paulo: Cia das letras, 2000.

<sup>31</sup> ROUBAUD, Jacques. *Poésie, mémoire, lecture*. Paris: Isele, coleção Les Conférences du Divan, 1998. P.10. citado por VERNANT, J. P. *Op. Cit.*

<sup>32</sup> VERNANT, J. P. *O universo, os deuses os homens*. São Paulo: Cia das letras, 2000.

<sup>33</sup> FÉRRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009. p.34.

mitos, não acreditam na religião grega já mantinha uma relação intrínseca entre a mitologia e os objetos de fé. Consequentemente, os crentes da religião grega tinham a mesma força na crença de seus mitos.

Quando o mito se referia a forças maiores e a seres superiores aos humanos, adentrava no campo da religião<sup>34</sup>, formando o objeto de fé da maioria dos gregos da Antiguidade<sup>35</sup>. Para Auguste Jardé, a religião grega era um conjunto de práticas que, se cumpridos rigorosamente os ritos preestabelecidos e pronunciasse as palavras necessárias, coagiria o deus a atender ao pedido do fiel<sup>36</sup>. Se a mitologia é o que se conta, a religião é o que pratica e se crê. E para entender os ritos a explicação pode ser achada nos mitos<sup>37</sup>.

Diferente da religião cristã que é monoteísta - crendo em um único Deus -, que contém um dogma e uma única narrativa a religião grega era politeísta, sem dogma nem narrativa oficial e imutável, o que resultava em crenças, cultos, práticas religiosas distintas e interpretações diferentes dos deuses<sup>38</sup>. Um homem comum do povo poderia aceitar a descrição dos mitos literalmente e um filósofo interpretar como personificações divinas das forças da natureza, de paixões e sentimentos da alma<sup>39</sup>. Por isso, é comum observar o mesmo deus com múltiplas funções já que havia esta adaptação ao fiel. Estas alterações e adaptações nas obras mitológicas não abalavam a fé dos gregos e influenciaram diretamente sobre o pensamento do povo grego<sup>40</sup>.

Os ensinamentos passados nos cultos tinham o intuito de estreitar as relações das divindades com os homens, atingindo por meio de preces, sacrifícios, oferendas, sistemas de consultas à consciência do poder superior, os deuses<sup>41</sup>.

Pela falta de dogma, não se pode compreender a “forma primitiva” dos mitos, já que para nós, eles contêm certo grau de elaboração complexa, visto que sua reflexão começou bastante cedo e tendeu a modificações incessantes. Estas modificações foram causadas pelos *aedos*, que ao narrar, modificavam as histórias da forma que achavam melhor, adaptando-as ao tempo histórico, à necessidade do momento ou ao local narrado<sup>42</sup>. Fato este, que será mais bem compreendido no próximo capítulo que tratará da história da sociedade grega antiga.

---

<sup>34</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982. P. 7, 8.

<sup>35</sup> ROBERT, Fernand. *A religião grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. P. 1.

<sup>36</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 148.

<sup>37</sup> ROBERT, Fernand. *Op. Cit.* P. 6.

<sup>38</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.*

<sup>39</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 126.

<sup>40</sup> ROBERT, Fernand. *Op. Cit.* P. 12.

<sup>41</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.*

<sup>42</sup> GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.* P. 97.

### 3. MITO: DAS ORIGENS AO PERÍODO CLÁSSICO.

“O todo sem a parte não é todo e a parte sem o todo não é nada.”

(MANTOVANELI, Luiz Otávio de Figueiredo. *Os trabalhos e os Dias, Hesíodo; tradução, estudo e notas*. São Paulo. 2011. p. 21)

Na busca de uma melhor compreensão dos mitos gregos e de sua influência no cotidiano de seu povo, é necessário compreender a sociedade que o gerou. Neste capítulo busca-se contextualizar esta sociedade no tempo em que a crença e dependência dos mitos estavam no auge. Será demonstrado a importância religiosa e mitológica e seu papel social na construção da civilização grega antiga. Mas, no que a mitologia e a religião contribuíram na formação da sociedade grega antiga? Qual a relevância do mito durante a construção da história desta sociedade? Como a religião mitológica atuou nos demais campos sociais? No decorrer do capítulo serão abordados os assuntos necessários para responder estas perguntas.

O que podemos encontrar na atualidade, são pessoas com alguns conhecimentos corriqueiros sobre a Grécia Antiga como uma relação dos gregos com a democracia, a criação das Olimpíadas e até sobre alguns heróis e deuses<sup>43</sup>. Mas os conhecimentos que compõem a história da Grécia e possibilitam responder às perguntas anteriores como, a formação e as transformações da sociedade antiga grega, a organização social, as ações da população influenciadas por sua religião mitológica, enfim, não são tão propagados.

Estes conhecimentos que rondam a mente atual sobre a Grécia Antiga são esclarecidos pelo fato de sociedades das épocas posteriores, que admiravam suas ideias, soluções políticas e mitos, terem incorporados à suas próprias culturas muito da cultura grega<sup>44</sup>. André Burguiere diz que a Grécia Antiga tornou-se objeto de estudo destas sociedades posteriores, com intuito de criar a própria versão de sua história demonstrando assim as influências gregas<sup>45</sup>. Exemplo é a França no século XVI, que torna-se o principal centro de estudo dos gregos, na busca de traduzir os Antigos por uma visão francesa, criando assim um grande acervo literário. Assim como anteriormente os romanos fizeram para aprender com os gregos antigos.

Ultrapassando a memória corriqueira atual, o presente estudo abordará o período histórico da Antiguidade. Este período faz parte da História do Ocidente sendo compreendido como o período que começa com o aparecimento da escrita e as construções das primeiras

<sup>43</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 3.

<sup>44</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 3.

<sup>45</sup> BURGUIERE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. P. 361.

civilizações e termina com a queda do Império Romano, que dá início à Idade Média<sup>46</sup>. É época considerada como berço da civilização ocidental, a Antiguidade será limitada no presente estudo à civilização grega e suas características no campo mitológico e religioso. Sendo apresentado de acordo com o modo geral que os historiadores costumam datar a história dos gregos permeando desde suas origens, passando para a Grécia Arcaica e por fim a Grécia Clássica. As origens se dão do século XX à X a.C.; a Grécia Arcaica do século X à V a. C.; e a Grécia Clássica entre os séculos V e III a.C.

De acordo com pesquisas arqueológicas, a sociedade grega se originou de populações vindas da Trácia, da Ilíria e da Anatólia<sup>47</sup>, que passaram a ocupar o sul da península Balcânica, do outro lado do mar Egeu, a região de Troia, as ilhas Cíclades e a ilha de Creta<sup>48</sup> (figura 1). Aproximaram-se do povo nativo e estabeleceram colônias e feitorias<sup>49</sup>, originando o povo *heleno*, conhecido pelos latinos como grego.



**Figura 1** - Mapa da Grécia antiga

Adaptado de: CROSHER, Judith. *Os gregos*. P. 56, 57.

<sup>46</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 19.

<sup>47</sup> Região que corresponde a atual Turquia asiática.

<sup>48</sup> ACKER, Teresa Van. *Grécia a vida cotidiana na cidade-Estado*. São Paulo: Atual Ed., 2003. P. 4.

<sup>49</sup> JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. P. 5.

Diferente do que entendemos atualmente como colônias, que consistem em dependências de um Estado colonizador, as gregas na Antiguidade eram autônomas, com leis, magistrados e políticas próprias. A religião mitológica já apresenta extrema importância no desenvolver da civilização grega, visto que as cidades mantinham um laço de parentesco validado somente pela religião. Consultava-se o oráculo de Delfos para obter o consentimento dos deuses para a fundação de uma nova colônia, para os caminhos a serem seguidos na expedição colonizadora e quando à oportunidade de partida. As colônias deviam honrar os mesmos deuses de sua metrópole, utilizando o fogo da cidade-mãe em seu altar sagrado<sup>50</sup>.

A civilização desenvolvida em Creta, entre os séculos XX à XVI a.C., expandiu-se por toda a bacia do Mediterrâneo oriental, que posteriormente influenciou a cultura grega. As cidades desta ilha se formaram em torno de palácios, que tinham como função ser sede do governo, sendo construídos com o intuito de abrigar a administração da cidade e suas respectivas atividades. Segundo os arqueológicos era utilizado um sistema de escrita ainda não decifrado denominado linear A<sup>51</sup>.

A religião deste tempo consistia em uma divindade feminina central que era representada como uma cobra, associada à fertilidade da terra e uma divindade masculina representada pelo touro por ser um animal fertilizador assim sendo associada às forças do céu<sup>52</sup>.

Os *aqueus* – povos guerreiros vindo da atual Rússia meridional –, durante o século XVI a XV a.C., atravessaram a Tessália e ocuparam a Grécia central e Esparta, substituindo a cultura existente pela própria, tal como nas cidades de Micenas e Tirinto. Consigo trouxeram informações sobre o uso do cobre, que precedeu a metalurgia do bronze. Eles entraram em contato com a cultura cretense através da navegação e transmitiram os conhecimentos adquiridos para Grécia continental. Posteriormente, suas forças militares se consolidaram e tomaram importantes cidades cretenses, como Cnossos<sup>53</sup>.

Distintas dos edifícios da ilha de Creta, as casas dos aqueus eram bem simples. O primeiro andar era reservado aos homens para suas reuniões e banquetes e o segundo andar era onde se localizavam os quartos das mulheres. Suas cidades eram construídas no alto das colinas, as *acrópoles*<sup>54</sup> (figura 2).

---

<sup>50</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 5.

<sup>51</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 4.

<sup>52</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 4.

<sup>53</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 5.

<sup>54</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 5.



**Figura 2** – reconstituição da Acrópole de Atenas.  
 Fonte: JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. P. 10.

Judith Crosher diz que por volta do século XII a.C. ocorreram novas invasões de tribos guerreiras vindas do Norte, tomando o Mediterrâneo<sup>55</sup>. Um destes povos guerreiros, os *dórios*, devastaram cidades micênicas, ocasionando na transferência da população local atacada para a Anatólia, Eólia e a Jônia. Como resultado, formou-se um misto de súditos dos reis micênicos, com os *dórios* e os seus súditos anteriores<sup>56</sup>.

A conquista militar dórica sobre a região da Lacônia<sup>57</sup> origina as instituições espartanas<sup>58</sup>. Mantendo esta característica militarista, Esparta era reinada por dois reis de famílias descendentes dos invasores, que possuíam o poder religioso, militar e jurídico. Os cidadãos eram compostos por um pequeno grupo, os *espartanos*, que eram educados como preparação militar, aos sete anos de idade, os meninos eram mandados para acampamentos nas montanhas para começar seu treinamento<sup>59</sup>. Os cidadãos não tinha outra ocupação a não ser, os cargos públicos e preparar-se para a guerra de eventuais revoltas dos *hilotas*<sup>60</sup>.

Os *hilotas* eram servos que não poderiam ser vendidos, cultivavam as terras para os espartanos e lhe pagavam uma taxa anual. Outros que habitavam a região subjugada pelos espartanos eram os *periecos*. Eles eram os anteriores habitantes da região da Lacônia que

<sup>55</sup> CROSHER, Judith. *Os gregos*. São Paulo: Melhoramentos. 1995. P. 52.

<sup>56</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 6.

<sup>57</sup> Região também conhecida como Peloponeso, tendo Esparta como capital.

<sup>58</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 12.

<sup>59</sup> CROSHER, Judith. *Os gregos*. São Paulo: Melhoramentos. 1995. P. 52.

<sup>60</sup> JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. P. 161.

permaneceram ali, sendo homens livres que faziam parte do comércio, mas não poderiam participar do exercito nem da politica espartana.

Segundo Teresa Van Acker, a recente sociedade de origem micênica, era constituída de pequenos domínios chamados de *oikos* (*casa* em grego), cuja vida econômica era voltada para agricultura que garantia a subsistência da comunidade. Nos *oikos* viviam um senhor, seus familiares, seus escravos, seus empregados, seus aliados e hóspedes. A hospitalidade era uma prática importante na Grécia. Na tradição grega, consistia em dar proteção e apoio a alguém vindo de outra comunidade. Por obrigação, o estrangeiro retribuía formando uma solidariedade semelhante à fraternidade, o que a tornava hereditária<sup>61</sup>.

Nestes tempos, a religião influenciava os artesões, chamados de *demiurgos* – aquele que exerce trabalho público. Já que para exercer um domínio técnico, era necessário passar por um ritual de iniciação relacionado à divindade responsável pela área técnica desejada, como os construtores navais que são inspirados por Atena, deusa da sabedoria. Rituais faziam parte do executar do ofício, pois era exigido para conferir poderes aos objetos fabricados, sendo assim só um ferreiro iniciado, por exemplo, forjava armas eficazes<sup>62</sup>.

Após as origens da sociedade, o mito já toma um papel importante. Para conservar a memória dos micênicos houve registros escritos como a escrita mitológica a *Ilíada* feita no século VIII a.C.. Ela conserva a memória de uma coligação micênica contra a cidade de Troia, também demonstravam em seus relatos de desenvolvimentos e expansões militares de Micenas<sup>63</sup>. Este período da origem da sociedade grega, ainda pouco conhecido, é denominado pelos historiadores como Idade das Trevas ou período Homérico.

À medida que a população crescia, a produção das comunidades se tornava insuficiente, o que trouxe a necessidade de intensificação das trocas comerciais <sup>64</sup>. Durante este processo houve o abandono destas aldeias e o desenvolvimento das cidades-Estados<sup>65</sup> – pequenos Estados independentes– com o deslocamento para as proximidades das acrópoles. Com crescimento populacional, econômico e agrícola de toda a região, surgiram as *pólis*, governadas pela autoridade de um chefe.

Assim como a *pólis* que se situava em Atenas, onde a forma de governo se dava através de um rei com o poder militar, político e religioso <sup>66</sup>. Grimal afirma que os gregos acreditavam que a linhagem real descendia diretamente dos deuses, logo os primeiros reis eram semi-

<sup>61</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 6.

<sup>62</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 7.

<sup>63</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 6.

<sup>64</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 7,8.

<sup>65</sup> CROSHER, Judith. *Op. Cit.* 1995. P. 52.

<sup>66</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 166 e ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P.10.

deuses<sup>67</sup>. Auguste Jardé diz que quando se trata do setor religioso, o rei exercia as funções sacerdotais, que consistiam em realizar as cerimônias, tendo a mesma importância dos outros setores, no âmbito governamental<sup>68</sup>. Com o passar do tempo o poder real se dissolveu: o rei continuou com as atribuições religiosas, o poder político passou para os *arcontes* e o militar para os *polemarcos*. Tanto os *arcontes* quanto os *polemarcos* faziam parte dos *eupátridas*, um pequeno grupo que tomavam as decisões, também conhecido como aristocratas – governo dos melhores<sup>69</sup>.

Após o domínio aristocrata sobre o poder real, houve um abuso do poderio gerando revoltas populares, pois, não se contentando com o domínio do governo, os aristocratas ainda buscavam o poder de todas as terras cultiváveis<sup>70</sup>. O governo emprestava dinheiro para pequenos proprietários de terra e quando não podiam pagar a dívida, os aristocratas tomavam suas terras e até os escravizavam. A situação se tornou insustentável, o povo explorado exigiu reformas sociais e políticas, que ficaram a cargo do legislador Sólon<sup>71</sup>.

Sólon aboliu as dívidas e reconfigurou as classes sociais, baseando-se na riqueza material, redistribuindo assim o poder de acordo com os bens, e não mais pela posse de terras<sup>72</sup>. Os *pentakosiomedimnoi*, a primeira classe, possuíam bens correspondentes a 500 medidas de grãos ou líquidos<sup>73</sup>; *hippies* – cavaleiros –, a segunda, com 300 medidas; os *zeugítai*, que recolhiam 200 medidas formando a terceira; e por fim os *thétes*, todos os demais cidadãos sem renda, na quarta classe<sup>74</sup>.

Logo depois de Sólon, a forma de análise de renda se reconfigurou para considerar como parâmetro o dinheiro, o dracma. Isso representou uma vantagem para os cidadãos, que se enriqueciam com o desenvolvimento do comércio<sup>75</sup>.

Ainda que tenham ocorrido tantas mudanças, as inquietações que permaneciam possibilitaram o surgimento de tiranos em Atenas e outras cidades<sup>76</sup>. Jardé caracteriza os tiranos como uma forma de governo monarca (sem limite de poder, já que utilizavam exércitos

---

<sup>67</sup> GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.* P. 19.

<sup>68</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 166.

<sup>69</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 166 e ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P.10.

<sup>70</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 166.

<sup>71</sup> Dizia-se descendente dos antigos reis de Atenas, pertencia a uma família importante, mas empobrecida. Viajado, enriqueceu com o comércio, mantendo grande prestígio em Atenas. Aconselhou aos concidadãos a reconquista de Salamina, sendo nomeado arconte no ano 594 a.C. reformulou a constituição grega (JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 58).

<sup>72</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 11.

<sup>73</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 166.

<sup>74</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 11.

<sup>75</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 167.

<sup>76</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 11.

mercenários) e democrata (procuravam apoio das classes inferiores, para conquistar o poder, prometendo bem-estar e prosperidade ao povo, além de diminuir o poder aristocrata)<sup>77</sup>.

Após este período tirânico, surge outro reformador, Clístenes, modificando o princípio de direito familiar, completando a obra de Sólon. Com ideias democratas, isto é, dando o poder ao povo, ele realizou uma redistribuição territorial dos cidadãos, a fim de mesclar as classes sociais<sup>78</sup>. Teresa Acker diz que o objetivo foi ter igualdade, já que pessoas com diferentes graus de riqueza que poderiam morar nas cidades, no litoral ou no interior, pertenciam à mesma tribo<sup>79</sup>. Todos os atenienses deveriam pertencer a uma tribo, gerando assim, para ser considerado integrante da cidade de Atenas<sup>80</sup>.

Outra característica democrata era o uso de assembleias do povo, frequentadas por todos que eram considerados cidadãos – homens, filhos de pais e mães atenienses. Jardé apresenta as assembleias da seguinte maneira:

“Os negócios de Estado eram dirigidos soberanamente pela assembleia do povo. Teoricamente, todos os cidadãos com vinte anos completos e que não tivessem sofrido perda de direitos políticos e civis tinham obrigação de assistir às reuniões da assembleia.”

(JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 171.)

No início as assembleias eram realizadas nas *ágoras* – centro de uma praça pública<sup>81</sup>–, depois passaram a ser nos teatros onde prestavam culto a Dionísio<sup>82</sup>. Essa fase histórica grega é chamada pelos historiadores como Período Arcaico.

O pleno desenvolvimento das *pólis* ocorreu no século V a.C., conhecido como Período Clássico. A monarquia deu lugar à democracia. Em torno do século V a.C. todos os cidadãos atenienses faziam parte do governo de alguma forma com uma participação efetiva<sup>83</sup>. Anualmente os cidadãos adultos eram convocados para encarregar-se de funções como membros do conselho, funcionários públicos e juízes, praticando essas funções em conjunto com suas atividades particulares. Os gregos atenienses menosprezavam quem não tivesse interesse no governo. Judith Crosher descreve bem:

<sup>77</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 167.

<sup>78</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 11.

<sup>79</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 11.

<sup>80</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 168.

<sup>81</sup> CROSHER, Judith. *Op. Cit.* P. 8.

<sup>82</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 171.

<sup>83</sup> CROSHER, Judith. *Os gregos*. São Paulo: Melhoramentos. 1995. P. 12.

“O sistema de governo só funcionava porque os cidadãos acreditavam que governar o Estado era tão importante quanto as suas atividades privadas.”

(CROSHER, Judith. *Op. Cit.* P. 13.)

Todavia, em algumas regiões como Esparta permanecia a aristocracia de forma diferente da apresentada inicialmente em Atenas. O poder permanecia entre os *éforos*, composto por cinco membros eleitos anualmente nas assembleias do povo, exerciam a função de fiscalizar toda a cidade de modo geral. Os *éforos* eram necessariamente cidadãos – sendo estes somente os espartanos –, assim como o senado, que também era eleito em assembleia diferindo pelo cargo de caráter vitalício. O senado era composto por anciões com mais de sessenta anos de idade, com função de compor as leis e julgar causas criminais. Outra função da assembleia espartana era aprovar as propostas do senado, sem emendas e discussões, concluindo, um governo essencialmente aristocrático<sup>84</sup>.

Simultaneamente ao desenvolvimento da *pólis* os gregos fundaram *apoikia* – colônias<sup>85</sup>. As colônias neste período têm o mesmo caráter de vínculo religioso que possuía anteriormente nas origens. Contudo, Jardé diz que em Atenas no século V a.C. as colônias se apresentam como asseguradoras da prosperidade econômica e da grandeza política da metrópole, sendo dependentes do Estado colonizador<sup>86</sup>. Assim, mantinham um laço político, econômico e principalmente religioso entre a metrópole e suas colônias, já que o relevante para construção de uma cidade, segundo o pensamento grego, era a proteção dos deuses<sup>87</sup>.

Com esse grande crescimento populacional houve um empobrecimento generalizado<sup>88</sup>, que fez com que ocorresse uma expansão demográfica através da colonização e uma busca por trocas comerciais, principalmente no comércio marítimo. A busca marítima pela matéria-prima do bronze para fabricação de armas teve como consequência o avanço nas atividades metalúrgicas. Também progrediu a fabricação da cerâmica devido à alta produção de vinho e azeite para exportação, desenvolvendo assim a economia grega<sup>89</sup>.

Teresa Van Acker diz que com as transformações econômicas, a organização social também modifica-se. Como os artesões, que no período arcaico seus produtos não eram

<sup>84</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 8.

<sup>85</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 8,9.

<sup>86</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 5.

<sup>87</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 9.

<sup>88</sup> CROSHER, Judith. *Op. Cit.* P. 52.

<sup>89</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 9.

comercializados, agora no período clássico enriquecem e tem o acesso ao exercito, sendo fundamentais para economia<sup>90</sup>.

Na composição das cidades-Estados deste período, a religião mitológica influenciava nos espaços institucionais que compunham a cidade. Era presente um teatro, local de representações dos mitos em homenagem ao deus Dioníso. A acrópole, anteriormente usada para palácios e templos, na época clássica, torna-se somente um recinto religioso. Como na acrópole de Atenas, onde a deusa Atena era adorada em todas as suas manifestações<sup>91</sup> (figura 3).



**Figura 3** – Ruínas da Ácropole de a Atenas;  
Fonte: JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. P. 9.

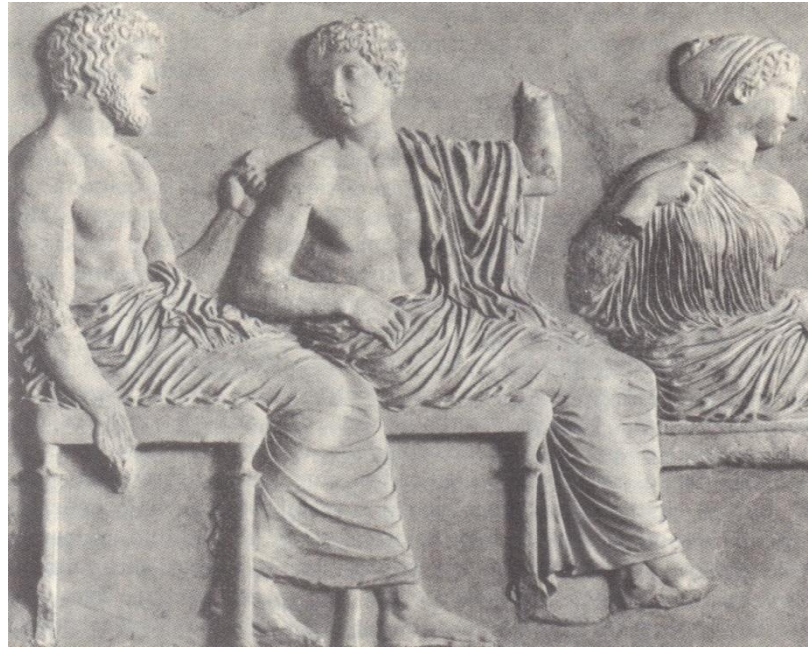
No campo arquitetônico os deuses influenciavam de modo que, os monumentos erguidos em suas honra e os públicos, eram os que mais exigiam esforço artístico embelezando assim a cidade<sup>92</sup>. Os auxiliares dos arquitetos eram os escultores, e suas obras tinham a função de embelezar a cidade e decorar os edifícios, assim como as pinturas. Muitas das vezes, as esculturas e as pinturas retratavam os acontecimentos mitológicos ou os deuses. Como o Partenon em Atenas, templo da deusa Atena, com varias esculturas dos deuses compondo o templo (figura 4).

---

<sup>90</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 9.

<sup>91</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 5.

<sup>92</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 96.



**Figura 4** – Friso oriental do Partenon: Poseidon, Apolo e Ártemis.

Fonte: JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. P. 106.

Auguste Jardé, afirma que eram erguidas numerosas estatuas ao redor dos templos em oferendas aos deuses. O crente temia que os deuses esquecesse de suas orações e seus sacrifícios, então, para que os deuses lembrassem de sua piedade e ficasse reconhecido eternamente, mandavam erguer estatuas com figuras anônimas. O Pensamento comum entre os gregos era que os deuses sentiam prazer ao está rodeados de pessoas do mesmo sexo que eles, sendo assim, ofereciam de preferência, estátuas de homens a Apolo e de mulheres para Atena, por exemplo<sup>93</sup>.

No campo do lazer a religião também está presente. O lazer, normalmente, era composto pelos os banquetes e jogos. Os banquetes eram reuniões entre as famílias, onde cada uma levava seu alimento e partilhavam, tendo uma característica mais privada de sua região. Já os jogos, reuniam todos os gregos nos santuários para fazer um grande concurso atlético. Próximo à realização, era proclamado pelos embaixadores sagrados, um tipo de trégua santa, onde eram suspensas todas as hostilidades entre as cidades durante a realização dos jogos. Jardé diz que o vencedor recebia uma simples coroa feita de ramos de oliveira consagrada ao deus que era celebrado a festa<sup>94</sup>.

Na área da educação e da literatura eram compostas com base nos mitos gregos. A educação espartana era dirigida pelo Estado, priorizavam a criação de um soldado, mas

<sup>93</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 96.

<sup>94</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 154.

mesmo assim era presente o ensino dos poemas de Homero. Em Atenas a educação era privada, sendo paga pelos pais. Consistia em aprender a ler, escrever, cálculos, música e ginástica. Conservando os mitos o aluno deveria memorizar os versos dos poemas de Homero e de Hesíodo<sup>95</sup>.

Assim, a mitologia e a religião influenciavam vários campos sociais que compunham a civilização grega antiga, bem consolidada no período Clássico. Esta sociedade se torna influencia na formação do Ocidente, em seu período Clássico, demarcado pela religião mitológica, e também no período Arcaico e nas origens da sociedade grega.

No decorrer do capítulo é notável a pluralidade da sociedade grega antiga, exemplificada pelas cidades-Estados Atenas, a democrata, e Esparta, a militarizada. Mesmo com suas diferenças pode-se observar uma unidade cultural, linguística, e de costumes e valores<sup>96</sup>. Os gregos frequentavam o teatro, o mercado, participavam de jogos e banquetes e também as festas públicas onde todos os habitantes da *pólis* e os deuses conviviam<sup>97</sup>.

A construção e desenvolvimento da história da Grécia Antiga foram influenciados em muitos momentos pela mitologia e religião. A importância que os gregos davam à sua literatura e às suas crenças é observada em diversos campos da sociedade. Na formação da sociedade grega, por exemplo, a religião teve grande papel de aliança entre as colônias e a metrópole. No governo das cidades, a religião mitológica era um dos pilares de poder, influenciando inclusive na construção das instituições que compunham a cidade como o teatro, local de interpretações que cultuavam o deus Dionísio.

Compreender aspectos marcantes da construção da sociedade grega é fundamental para estudar a influência da religião mitológica no cotidiano de seu povo. Estas influências serão discutidas no capítulo adiante.

---

<sup>95</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 154.

<sup>96</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 17.

<sup>97</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 17.

#### 4. MITO E RELIGIÃO NO COTIDIANO GREGO.

“Graças ao mito, o sagrado perdeu seus terrores; toda uma região da alma abriu-se à reflexão. Graças ao mito, a poesia pode se tornar sabedoria” (GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*, p. 12.).

Neste capítulo será apresentada a importância dada pelos gregos à mitologia e às práticas religiosas que incorporavam os deuses mitológicos no cotidiano. Então, quais eram as influências divinas no cotidiano grego? De que forma esta influência afetava as suas decisões cotidianas? Qual a importância sociocultural da mitologia grega para a formação de valores e conceitos básicos para seu povo? As possíveis respostas serão discutidas no decorrer deste capítulo.

Por ser um material rico de conhecimentos, o mito grego tornou-se objeto de estudo de várias sociedades. O historiador Pierre Grimal afirma que os mitos, desde sua origem, foram objetos de um incessante trabalho, que fez com que se transformasse diversas vezes desde o pensamento grego antigo até os dias atuais, sem a necessidade de passar a mesma verdade. O conjunto das matérias fragmentadas e mal vinculadas de lugares diversos, que com o lento trabalho dos sábios, poetas e escritores foram se moldando, pode ser considerado como a mitologia grega<sup>98</sup>.

Os gregos antigos davam importância aos seus mitos, pois já em sua época, o tomavam como um objeto de estudo, investigando seus significados, se aprofundando em suas análises e o tomando como fonte de meditação, o que demonstrava assim, a ativa participação da mitologia em suas vidas<sup>99</sup>. Pierre Grimal descreve:

Em casa e no teatro impregnavam o pensamento, ocupavam a imaginação e dominavam as concepções morais. Nem mesmo os filósofos, quando o raciocínio alcançou seu ponto extremo, deixaram de recorrer ao mito como um modo de conhecimento capaz de revelar o incognoscível (GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*, p. 11.).

Neste fragmento, Grimal demonstra a intensa participação dos mitos no cotidiano grego antigo, atuando em uma das áreas mais primordiais da sociedade que é a formação do pensamento bem como suas concepções morais. Os mitos eram apresentados no formato de poemas épicos, isto é, poemas que tratam dos feitos heroicos engrandecendo os conflitos humanos e estendendo-os para uma dimensão universal. Quando tratados simplesmente como textos poéticos demonstravam os mistérios do mundo no ponto de vista grego antigo, mas

<sup>98</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982. P. 19.

<sup>99</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982. P. 10, 11.

quando tomados ao pé da letra tratava-se de uma fé religiosa. Como acúmulo de pensamento, o mito tomou uma vida própria estando entre a razão e a fé<sup>100</sup>.

O texto mitológico faz parte do campo literário da sociedade grega. Jardé diz que os poemas mitológicos homéricos *Ilíada*, que relata o evento da guerra de Tróia; e *Odisséia*, que narra a trama das aventuras de Odisseu – Ulisses –, compõe o começo da literatura grega. Outras obras mitológicas que fazem parte do início da literatura são os poemas de Hesíodo: *Teogonia*, onde é apresentada a genealogia dos deuses e heróis; e *Érga kai hemérai* (O trabalho e os Dias), relato de informações sobre os preceitos morais e conselhos práticos sobre a agricultura. Estes mitos tornaram-se suporte para as crenças religiosas em grande parte dos períodos gregos<sup>101</sup>.

Nos mitos, são encontrados conhecimentos diversos, desde conselhos sobre a agricultura até o surgimento do universo, tendo assim alcance e formas distintas. Thomas Bulfinch declara que eles explicavam como algo aconteceu pela primeira vez e por obra de quem, se tornando a fonte do conhecimento do surgimento de tudo. Sendo assim, quando ocorria algum fenômeno natural como terremotos, furacões ou raios, as explicações geralmente se relacionavam ao divino, pois para os gregos nenhum mortal conseguiria tal façanha por não possuir o poder de controlar tais coisas<sup>102</sup>. Teresa Van Acker exemplifica:

Os fenômenos da natureza, entre os gregos, às vezes eram divindades como a Noite, outras vezes estavam estreitamente ligados aos deuses. O relâmpago, por exemplo, era resultado da ação de Zeus, e por isso os lugares atingidos pelos raios eram considerados sagrados, diferenciados dos outros lugares em que não havia manifestação dos deuses, os lugares comuns, ou profanos (ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.*, p. 42).

Nesse trecho, Teresa Acker demonstra tamanha influência dos deuses na vida grega, já que até mesmo o fenômeno natural como o cair de raios no solo determinavam a importância de certos lugares, sendo considerados sagrados. Logo, os deuses influenciavam até mesmo nos locais para edificação de cidades.

Bulfinch diz também que quando se tratava de assuntos humanos como as guerras, usavam heróis supra-humanos, cujas ações se baseavam em situações concretas e explicáveis<sup>103</sup>. Hesíodo disserta sobre os heróis:

<sup>100</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>101</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 67.

<sup>102</sup> BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.

<sup>103</sup> BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.

[...] raça divina de homens e heróis e são chamados semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim. A estes a guerra má e o grito temível da tribo a uns (...) fizeram perecer pelos rebanhos de Édipo combatendo, a Troia levaram por causa de Helena de belos cabelos, dando-lhes sustento e morada Zeus Cronida Pai nos confins da terra os confinou [...] (HESÍODO, *Os trabalho e os dias*. p. 33)<sup>104</sup>.

Através dos poemas míticos conhecemos os deuses e heróis que são apresentados com ações que ilustram o caráter concreto e divino da narrativa mítica. Cada deus era responsável por uma área da vida grega, tinha suas características próprias e seus poderes em seu domínio de atuação. Dentre inúmeros deuses, treze deuses olímpianos se destacavam como os principais e serão apresentados adiante.

Zeus é o deus dos fenômenos atmosféricos, era o senhor dos homens e dos deuses, e filho dos titãs Cronos e Réa<sup>105</sup>. Mesmo casado com sua irmã Hera, a deusa do casamento e protetora da família, Zeus tinha seus casos com outras deusas e mortais. Após derrotar seu pai, Zeus dividiu os domínios do mundo entre seus irmãos por meio de sorteio. Poseidon ganhou os mares; Hades, o reino dos mortos e Zeus, os céus<sup>106</sup>.

A irmã mais nova de Zeus era Deméter, a deusa da agricultura, que ensinou aos homens a arte de cultivar o solo e as técnicas de plantio do trigo como recompensa ao filho do rei Céleo, Triptólemo, que a acolheu enquanto peregrinava em busca de sua filha Core (Perséfone)<sup>107</sup>. Sua filha foi raptada pelo deus Hades, como resultado de um acordo com Zeus, que firmava que Core passaria seis meses no mundo inferior com Hades e seis meses com sua mãe. No período de sofrimento pela falta da filha, Demeter deu origem ao inverno<sup>108</sup>.

Já o filho de Zeus e Semele, Dionísio, é o deus das videiras e do vinho, que enlouqueceu por praga de Hera só recobrando a consciência após uma corrida por volta do mundo. O culto a este deus originou as representações teatrais<sup>109</sup>. Os gêmeos Ártemis e Apolo, filhos de Zeus e da ninfa Leto, não escaparam das perseguições da irada Hera, que dificultou o nascimento deles. Ártemis é a deusa caçadora e da noite, e Apolo, deus da luz, da medicina, das adivinhações e da música<sup>110</sup>. Apolo pastoreava distraído o rebanho de Admeto e foi surpreendido pelo roubo de parte do seu rebanho por seu meio-irmão Hermes, filho de

<sup>104</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 17.

<sup>105</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 134.

<sup>106</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>107</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 67.

<sup>108</sup> CROSHER, Judith. *Op. Cit.* p. 50.

<sup>109</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>110</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 134.

Zeus e Maia. Para compensar o roubo, Apolo negocia com Hermes o deus dos viajantes e dos ladrões, dando-lhe os rebanhos em troca de sua invenção, a lira<sup>111</sup>.

Outra filha de Zeus é Atena, deusa da sabedoria em guerra e ao mesmo tempo da paz, que é diferente de seu meio-irmão Ares, o deus da guerra, filho de Zeus e Hera. Ares aparece como o amante de Afrodite, deusa do amor e da beleza, que é casada com Hefesto, o deus ferreiro e comandante do fogo. Hefesto é filho de Zeus e Hera, se tornou coxo após ser jogado do olimpo por Zeus, de acordo com Grimal<sup>112</sup>.

Os mitos supracitados são baseados em dois autores, porém, existem outras versões da origem dos deuses olímpianos. Grimal diz que os mitos ligados a estes deuses revelam as camadas mais profundas da religião e mesmo com tantas origens distintas, formam a mitologia grega<sup>113</sup>.

Quando sua área era em comum com a vida de um grego, os deuses se tornavam referência. Exemplo é o caso da deusa Deméter, que os gregos acreditavam que tinha ensinado a agricultura aos homens<sup>114</sup>. Além disso, o mito que apresenta a deusa da agricultura ainda mostra de onde surgiu o inverno, no ponto de vista do crente grego<sup>115</sup>.

A estrutura familiar era organizada baseando-se nos deuses. Teresa Acker afirma que para os gregos as mulheres e os homens ocupam lugares distintos, se assemelhando aos deuses Héstita e Hermes. Ela explica:

[...] Héstita era relacionada sobretudo com a lareira que existia no centro da casa; e Hermes, o protetor dos mensageiros, estava sempre colocado na soleira das portas, ligado, portanto, ao lado exterior, ao mundo das conquistas, do comércio e do trabalho fora de casa (ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.*, p. 21).

Sendo comparadas com a deusa Héstita, as mulheres deveriam sempre estar sob a casa de um homem e cuidando da casa, mantendo as tradições religiosas da família. Quando se casavam, substituíam os costumes da família paterna pelos costumes do marido, tornando o casamento uma espécie de bem de troca para a formação de alianças familiares<sup>116</sup>.

A educação feminina, em sua maioria, era o dever das mulheres mais velhas da casa. Consistia no aprendizado dos trabalhos domésticos e um pouco de leitura, cálculo e música. Quando se tratava de uma família mais rica, onde as mulheres não precisavam trabalhar, as

---

<sup>111</sup> GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*

<sup>112</sup> GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*

<sup>113</sup> GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*

<sup>114</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 134.

<sup>115</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 43.

<sup>116</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 10.

mulheres podiam participar de uma escola, aprendendo dança, música instrumental, canto e esportes atléticos para que participassem das festas, banquetes e cerimônias religiosas que realizavam<sup>117</sup>.

As mulheres gregas solteiras eram guardiãs dos cultos domésticos, podendo ser sacerdotisas dos templos de Dioniso, Afrodite, Demeter, Atena, Ártemis e Apolo, sendo porta-vozes dos deuses, que poderiam ser consultadas por todas as pessoas da Grécia. Em alguns templos, como o de Hera na Messênia, as sacerdotisas podiam ser casadas<sup>118</sup>.

Acker, ao tratar do casamento, afirma que eram raras as vezes que os gregos o realizavam por convívio amoroso<sup>119</sup>. O casamento tinha um objetivo determinado pelos deuses: preservar as famílias. Um autor do século IV a.C., Xenofonte, descreve em sua obra *Econômico* a função do casamento e o papel do marido e da mulher:

“(...) eu te escolhi e teus pais me escolheram entre outros partidos. (...) Eu penso que os deuses escolheram o casal que chamamos macho e fêmea a partir de uma reflexão, e para o bem da comunidade. Em primeiro lugar os casais se unem para procriar; depois, entre os humanos, os pais, quando velhos serão alimentados pelos filhos; (...) E se os homens querem ter coisas para trazer para seus abrigos, precisam fazer trabalhos ao ar livre (...). Há outros trabalhos que só podem ser feitos em lugares fechados (...). Ora, como essas duas funções, do interior e do exterior, exigem atividades e cuidados, os deuses tornaram a natureza da mulher própria aos trabalhos de interior, e a do homem própria para os trabalhos do exterior [...] (XENOFONTE, *Econômico*, VII, 4-39, p. 364-9) <sup>120</sup>.

Nesse trecho, Xenofonte apresenta o papel de cada um, o homem responsável pelos interesses externos e as mulheres pelos internos. Também fala sobre a função da união entre um homem e uma mulher segundo os deuses, demonstrando assim a importância e influência dos deuses nas definições da função de cada coisa.

Na Grécia antiga, a religião era encontrada em muitos campos da sociedade. Era um dever cívico e religioso casar e ter filho, pois para serem celebrados os cultos aos mortos, era necessário ser um descendente legítimo. Desde as origens, os gregos acreditavam que os mortos continuavam a viver em seus túmulos, assim, enterravam junto a eles o que os mortos podiam necessitar. Colocava na boca do morto um *dacma* – moeda da época – para pagar a passagem do barqueiro dos Infernos, Coronte. Os mortos eram conduzidos pelo deus mensageiro Hermes até o reino de Hades, a morada dos mortos. Dependendo como o grego foi em vida, iam para lugares diferentes. Os bons crentes iam para Campos de Elíseos, onde

<sup>117</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 22.

<sup>118</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 24.

<sup>119</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 22.

<sup>120</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 23.

viviam felizes no pós-morte. Os que não seguiram os deuses e não foram bons para a sociedade iam para o Tártaro, onde sofriam tormento eterno<sup>121</sup>.

Jardé diz que a família dos mortos os cultuava, tornando-os deuses, que deviam ser honrados com cultos. Quando o morto prestava um serviço ilustre à cidade, e chamava atenção pública, era considerado um deus poderoso, sendo assim honrado por toda a cidade. Estes mortos, deuses nacionais, são comumente os heróis com uma vida marcada por uma sequência de feitos extraordinários, que escapam da história contada nos mitos<sup>122</sup>.

Na Síria, por exemplo, as mulheres em uma festa fúnebre celebrada anualmente horavam a deusa Afrodite e seu amor por Adônis. As mulheres plantavam sementes em vasos e regavam com água quente, para crescer mais rápido, forçando as plantas a crescerem mais rápido e sucessivamente morrerem mais rápido também. As mulheres choravam sobre estas plantações chamadas “jardins de Adônis” porque ficavam tristes pelo fim de Adônis<sup>123</sup>. Estas práticas são baseadas em um mito que Grimal descreve:

“Conta-se, com efeito, que o rei da Síria, Téias, tinha uma filha, Mirra ou Esmirna, que a cólera de Afrodite levou a desejar ter uma relação incestuosa com o pai. Com a ajuda da ama, Esmirna chegou a enganar Téias e a unir-se a ele durante doze noites. Mas, na décima-segunda noite, Téias descobriu seu crime e perseguiu a filha para mata-la. Esmirna invocou os deuses, que a transformaram num arbusto, a árvore de mirra. Dez meses depois, a casca levantou-se e dela saiu uma criança, que recebeu o nome de Adônis. Afrodite, tocada pela beleza do menino, recolheu-o e confiou-o a Perséfone para que o educasse secretamente, na sombra dos Infernos. Mas a Rainha dos Mortos, por sua vez, apaixonou-se pelo belo Adônis e não quis entregá-lo a Afrodite. A disputa foi arbitrada por Zeus, o qual decidiu que Adônis viveria um terço do ano com Afrodite, um terço com Perséfone e um terço com quem quisesse. Mas Adônis passou dois terços do ano com Afrodite e somente um terço no Reino dos Mortos. Durante algum tempo, as coisas se passaram assim, até que Ares, por ciúme, lançou contra a jovem um javali monstruoso, que o feriu mortalmente com suas presas. Do sangue de Adônis ferido nasceram as anêmonas.”

(GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.* P. 49.)

Outro culto que cabia a cada família era a celebração do fogo sagrado. Para honrar o lar, o fogo sagrado ardia no centro da casa em um altar que deveria ser sempre preservado. Estes cultos faziam parte da vida privada dos gregos. Além disso, nos lares as práticas religiosas tinha a força de unir os membros das famílias mais que o nascimento. Cada família tinha

<sup>121</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 67.

<sup>122</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 67.

<sup>123</sup> GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

particularmente, por herança paterna, seus rituais, fórmulas religiosas e seus deuses, com a adoração do deus patrono da cidade. Poderiam até adorar outros deuses, porém eram considerados como protetores particulares. Para ingressar na família era necessária uma cerimônia de iniciação que acompanhavam o casamento, o nascimento à adoção<sup>124</sup>. Estas práticas são evidências de que a religião atuava no campo familiar, presente na rotina grega.

Parte da religião são as práticas e ritos em honra e adoração as divindades. Na vida pública grega, havia cultos que todos participavam, por exemplo, as dramatizações realizadas nas cidades, principalmente em Atenas, faziam parte do culto público que homenageavam o deus Dioniso. Ocorrendo somente nas festas de Dioniso, as representações eram feitas somente por atores homens, sendo uma cerimônia religiosa oficial que participava a cidade inteira – até mesmo aqueles que não poderiam pagar, o Estado se responsabilizava em pagar – e proporcionava a realização de um concurso entre os poetas<sup>125</sup>. Já no teatro, as pessoas passavam o dia ali e geralmente sabiam o texto, já que eram baseadas em mitos de conhecimento público, sendo mais interessante a interpretação dos poetas que o próprio enredo<sup>126</sup>. O teatro era ao ar livre, inicialmente as arquibancadas eram feitas de madeira e posteriormente foram substituídas por pedra no século IV a.C.<sup>127</sup>.

Outro culto público eram os jogos, faziam parte dos festivais pan-helênicos, que reunia os gregos de todas as cidades nos grandes santuários, que diferente das festas particulares continha principalmente grandes concursos de jogos atléticos. As celebrações mais conhecidas são: os jogos Olímpicos, em Olímpia para honrar Zeus; os jogos Píticos, em Delfos para honrar Apolo; os jogos Nemaicos, em Neméia, honra de Zeus; os jogos Ístmicos, perto de Corinto, em honra a Poseidon<sup>128</sup>.

Durante os jogos Olímpicos as hostilidades e rivalidades entre os povos eram desconsideradas, sendo proclamada uma trégua sagrada (ekecheiría). Os jogos eram uma grande manifestação de nacionalidade e patriotismo. Os artistas, sofistas e oradores

---

<sup>124</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 203.

<sup>125</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 150.

<sup>126</sup> CROSHER, Judith. *Os gregos*. São Paulo: Melhoramentos. 1995. P. 49.

<sup>127</sup> JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. P. 150.

<sup>128</sup> JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. P. 153.

aproveitavam a oportunidade de todo o povo reunido para divulgar seus trabalhos e pontos de vista<sup>129</sup>.

Em forma de resquícios das origens da sociedade, eram praticados os cultos aos animais sagrados. Jardé diz na Grécia Clássica eram celebrados cultos retomando as mais antigas práticas de magia, sem ao menos entender seu real significado, mas celebravam por tradição. Na Arcádia, por exemplo, durante um longo período, utilizavam cabeças de animais, como de jumentas, para adorar a deusa Deméter. Nas origens, o motivo pelo qual havia estes cultos mágicos era de que os gregos tentavam apaziguar as forças invisíveis do mundo<sup>130</sup>.

Mais uma característica da religião grega antiga era ter o altar como a edificação mais importante em um santuário, porque o sacrifício estabelece o ato mais relevante de todo o culto<sup>131</sup>. No interior dos templos não eram permitido os fieis, realizando seus sacrifícios do lado de fora e olhando a estátua do deus pela porta de entrada. O templo era considerado a morada do deus, abrigando sua estatua e pertences<sup>132</sup>, sendo frequentado em seu interior pelos sacerdotes e funcionários<sup>133</sup>. Jardé relata que os sacerdotes tinha um papel formal de realizar as cerimônias prescritas, de acordo com as traduções e ritos. Também assistiam os cultos públicos que eram celebrados pelo magistrado da cidade<sup>134</sup>.

Os deuses participavam da vida grega até mesmo quando estes adoeciam. Os gregos comumente iam aos templos, na esperança dos deuses curarem suas enfermidades. Deslocavam-se para os santuários do deus da saúde Asclépio – ou Esculápio–, recebiam banhos, massagem, comida simples e ficavam em repouso, e, ministrados pelos sacerdotes, muitos eram curados. Buscavam também médicos, como Hipócrates o mais famoso médico da Grécia Antiga, que ministrava os mesmos métodos dos sacerdotes, por acreditar que o corpo se curava sozinho<sup>135</sup>.

Os homens gregos também buscavam sabedoria nos deuses, para tomar decisões, pedir conselhos ou saber do futuro. Teresa Acker afirma que os oráculos eram os locais onde se encontravam uma comunicação direta com os deuses, mas a maneira que os deuses respondiam variava. A consulta nem sempre era pessoal, em épocas de guerras ou peste, a

---

<sup>129</sup> JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. P. 155.

<sup>130</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 126.

<sup>131</sup> ROBERT, Fernand. *Op. Cit.* P. 20.

<sup>132</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 147.

<sup>133</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 20.

<sup>134</sup> JARDÉ, Auguste. *Op. Cit.* P. 147.

<sup>135</sup> CROSER, Judith. *Os gregos*. São Paulo: Melhoramentos. 1995. P. 43.

consulta envolvia a cidade inteira. Eles decidiam o que fazer, a partir das respostas dos deuses<sup>136</sup>.

No oráculo do deus Apolo, em Delfos, as respostas dos deuses se davam através de uma sacerdotisa que entrava em transe e incorporava o deus. Para ir ao oráculo eram necessários vários rituais, já que o contato era tão próximo do deus<sup>137</sup>. Pausânias, em suas viagens pela Grécia, descreve sua ida ao oráculo de Trofônio:

O que acontece no oráculo é o seguinte: quando uma pessoa está decidida a descer ao oráculo de Trofônio, deve se alojar num certo lugar por alguns dias. Nesse tempo, entre outras regras para a purificação, se abstém de banhos quentes, banhando-se apenas no rio Hercyna. Deve sacrificar a Trofônio, a Apolo, a Cronos, a Zeus rei, a Hera do carro e a Deméter Europa. Nos sacrifícios um adivinho está presente, e olha nas entranhas da vítima para ver se Trofônio vai receber a pessoa que desce. A melhor vítima para revelar a disposição de Trofônio é uma ovelha, sacrificada por aquele que procura o oráculo na noite em que desce, invocando Agamedes, parceiro de Trofônio. Se as entranhas da ovelha indicarem, ele pode ir. Primeiro ele é levado ao rio Hercyna por dois meninos de treze anos, que o banham. Depois é levado por sacerdotes até algumas fontes, das quais ele deve beber a água do esquecimento e da memória, para se livrar de seus pensamentos e para se lembrar do que acontece durante sua descida ao oráculo. Há uma imagem que só é mostrada aos que vão visitar o deus, que é então reverenciada. Daí se pode entrar no oráculo, que fica numa caverna na montanha, no qual se entra por uma escada. Lá dentro, o suplicante encontra um buraco, no qual deve entrar passando primeiro os pés. Depois que seus joelhos passam ele é puxado como que por um fio. Lá dentro fica sabendo do futuro, ouvindo ou vendo, conforme o caso. Quando volta, é levado pela mão dos sacerdotes até a cadeira da memória, onde conta tudo aquilo que soube pelo oráculo. Depois é levado ao alojamento, paralisado pelo terror. Gradualmente vai melhorando, e recupera a faculdade de rir. (...) O que eu conto não é de ouvir dizer; eu mesmo consultei o oráculo de Trofônio (PAUSÂNIAS. *Livro IV*, p. 349 e ss.)<sup>138</sup>

Nesse trecho a cima Pausânias descreve detalhadamente todo o ritual de sua ida ao oráculo de Trofônio, onde soube de seu futuro segundo os deuses. Seu relato demonstra o que era necessário fazer para obter as informações quanto ao futuro e influenciando a tomada de decisão de cada grego segundo a resposta dos deuses.

Acker completa dizendo que os gregos também acreditavam em presságios. Eles eram sinais que significavam um aviso dos deuses, podendo ser interpretados como algo bom ou ruim. Exemplo são os troianos, que observaram uma águia – símbolo de Zeus – carregando uma serpente ainda viva que picou a águia no pescoço, durante a guerra de Troia. Este fato foi interpretado como um sinal de Zeus<sup>139</sup>.

<sup>136</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 23.

<sup>137</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 23.

<sup>138</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 23.

<sup>139</sup> ACKER, Teresa Van. *Op. Cit.* P. 23.

Como se pôde ver, os deuses gregos apresentados nos mitos estão em muitas áreas da vida do grego, desde a formação familiar ao papel de cada indivíduo. As decisões dependiam de uma resposta dos deuses e o destino das cidades se submetia ao veredito transmitido nos oráculos. Desta forma, fica clara a dependência dos mitos para formação de um grego antigo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma abordagem introdutória, o presente trabalho buscou destacar as influências da crença religiosa na vida cotidiana grega. Ao tratar da mitologia da sociedade grega antiga, depara-se com um amplo debate no meio acadêmico, o que gerou diversos esboços na tentativa de interpretá-lo. Na tentativa de encontrar uma definição do que é mito, percebe-se que se obtêm interpretações e não certezas.

Para os gregos antigos, o mito tinha sua função social. Os poemas míticos eram ricos de informações importantes para o seu povo. Um mesmo mito trazia informações de guerra, da natureza, do ser humano, da sociedade, dos deuses entre outros assuntos. O mito permeava o pensamento de cada grego e influenciava as concepções morais. Antes mesmo da escrita, a história, os valores e a identidade grega eram conservados oralmente através dos mitos, formando uma rica tradição a ser passada às novas gerações por meio da educação.

Quando o mito era interpretado de forma literal, adentrava no campo da religião politeísta grega antiga. Caracterizada por não ter dogmas ou livro sagrado imutável, a religião grega era baseada na fé e nas práticas religiosas, fundamentadas por vezes em adaptações de mitos. Para entender o importante papel do mito é necessário compreender a sociedade que o gerou.

Na formação da sociedade grega antiga, o mito e a religião já possuíam um papel de destaque. Para colonizar novos territórios era necessário ir até o oráculo para ter as respostas dos deuses de qual caminho seguir, de quando deveriam partir e onde colonizar. Inicialmente, as colônias tinham um vínculo com sua metrópole somente por um laço religioso, devendo honrar o mesmo deus da cidade-mãe, utilizando o seu fogo sagrado. Com o desenvolver da sociedade, as colônias tinham o vínculo econômico, político e principalmente religioso com a metrópole, almejando sempre a proteção dos deuses.

Noutros campos sociais, a religião mitológica também aparece, como nas escolhas profissionais. Para ser um artesão, por exemplo, era necessário um ritual religioso de iniciação, pois a divindade associada a técnica utilizada deveria abençoar o grego a ter poderes para formar objetos eficazes.

Para honrar os deuses, eram servidos banquetes onde os mitos eram recitados, e jogos eram realizados em homenagem a algum deus. Na literatura os mitos eram a base, de onde buscavam retirar as sabedorias para a educação do povo.

Nos espaços institucionais, a religião também estava presente. O teatro como local de representações dos mitos como culto a Dionísio e utilizado como locais de assembleias. As acrópodes como um lugares religiosos para adoração em todas as suas manifestações. Na arquitetura, o embelezamento da cidade, seria para honrar o deus patrono. Em volta dos templos eram colocados numerosas estátuas de figuras anônimas para que o deus não esquecesse de suas preces. Mesmo com uma sociedade onde havia particularidades em cada cidade-Estado, os costumes, linguísticas e a cultura passada nos mitos os unia como sociedade grega.

Os mitos estavam presentes na vida pública e privada do grego antigo. Na vida cotidiana privada do grego, os deuses estavam presentes desde a formação da estrutura familiar, baseando-se em Hermes e Héstia, como na importância dos casamentos gerarem filhos para manter as práticas do culto aos mortos e do fogo sagrado. As práticas religiosas nos lares uniam mais as famílias do que o próprio parentesco por sangue. Na vida pública as dramatizações teatrais como culto a Dionísio e os jogos são os mais conhecidos, mas também a busca sobre o futuro nos oráculos era muito comum, os fies dependiam das respostas dos deuses para tomar suas decisões.

Por fim, com a abordagem introdutória, podemos concluir que na vida cotidiana do grego antigo, havia influências diretas das crenças de sua religião mitológicas e que a Grécia Antiga que inspirou muitas sociedades posteriores, teve seu eterno legado complexo mantido até os dias de hoje.

## **6. REFERÊNCIAS**

ACKER, Teresa Van. *Grécia a vida cotidiana na cidade-Estado*. São Paulo: Atual Ed., 2003.

- BILEN, Max. *Dicionário de mitos literários, organização Pierre Brunel-4ª ed.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis.* Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.
- BURGUIRE, André. *Dicionário das ciências históricas.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- CALAME, Claude. *Eros na Grécia antiga.* São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CROSHER, Judith. *Os gregos.* São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, 5 ed.* p. 1405. Curitiba: Positivo, 2010.
- FÉRRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos.* Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GIEGER, Paulo. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa/Caldas Aulete.* Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega.* São Paulo: Brasiliense, 1982.
- HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias.* Trad. Luiz Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Ed., 2011.
- JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega.* São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- MARCINI, Marisa Cotta; SAMPAIO, Rosana Ferreira. *Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão.* Rev. Bras. Fisioter. Vol. 10. No. 4 São Carlos Oct./Dec. 2006.
- ROBERT, Fernand. *A religião grega.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ROCHA, Everardo. *O que é mito.* São Paulo: 1996.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos.* São Paulo: Contexto, 2008.
- VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego.* Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- VERNANT, J. P. *O universo, os deuses os homens.* São Paulo: Cia das letras, 2000.
- VEYNE, P. *Os gregos acreditavam em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte.* São Paulo: UNESP, 2014.